

UM ESTUDO DA CONTRADIÇÃO BIOPOLÍTICA E A PLURALIDADE DA PSIQUE HUMANA

A STUDY OF BIOPOLITICAL CONTRADITION AND THE PLURALITY OF THE HUMAN PSYCHE

Camila Ribeiro Castro Soares¹

Universidade Federal do Tocantins

Resumo: Neste estudo duas áreas de conhecimento nos subsidiaram para entender e analisar o cenário extraído de uma rede social que nos serviu de ponto de partida para este exercício teórico. A publicação da rede social evidenciou um fenômeno que perpassa o caráter paradigmático, controverso e dissociativo presente na contemporaneidade. Por meio do enfoque biopolítico, avaliamos como o modo de governo político na sociedade moderna toma conta da própria vida em suas variadas instâncias, seja pelo comportamento dos indivíduos, pela expressão dos corpos ou através da regulação da população. Com a Psicologia Analítica alcançamos um aprofundamento que nos possibilitou compreender como o sujeito, indiferenciado do coletivo, inconscientemente negligencia a pluralidade de forças psíquicas opostas que o constitui, projetando no mundo o que ainda não consegue sustentar em si. Considerando o caminho que percorremos, constatamos que a articulação entre as teorias da biopolítica e a Psicologia Analítica em nosso texto promoveu uma complementação de reflexões em âmbitos que uma explora com mais propriedade que a outra.

Palavras-chaves: biopolítica; psicologia analítica; sujeito.

Abstract: In this study two areas of knowledge subsidized us to understand and analyze the scenario extracted from a social network that served as a starting point for this theoretical exercise. The publication of the social network evidenced a phenomenon that permeates the paradigmatic, controversial and dissociative character present in contemporary times. Through the biopolitical approach, we evaluate how the mode of political government in modern society takes care of life itself in its varied instances, either by the behavior of individuals or the expression of bodies or even through the regulation of the population. With Analytical Psychology we reached a deepening that allowed us to understand how the person, undifferentiated from the collective, unconsciously neglects the plurality of opposing psychic forces that constitute himself, projecting in the world what it still cannot sustain in himself. Considering the path we have taken, we find that the articulation between the theories of biopolitics and Analytical Psychology in our text has promoted a complementation of reflections in areas that one explores with more property than the other.

Key words: biopolitics; Analytical Psychology; subject.

¹ Pós-graduação *latu sensu* em Ética e Ensino de Filosofia pela Universidade Federal do Tocantins - UFT (2018-2019). Especialização em Psicologia Analítica Junguiana pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP (2017-2018). Graduação em Psicologia pela Universidade Paulista (2010-2014). Formação técnica em Gestão Empresarial pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - SENAC/MG (2008-2009).

Submetido em 25 de maio de 2020.

Aprovado em 10 de julho de 2020.

Introdução

A biopolítica pode ser apresentada por meio de diversas temáticas, tendo em vista que ela perpassa vários âmbitos da vida (e da morte), bem como do fenômeno político na sociedade moderna. Para a formulação deste trabalho, podemos dizer que o tópico a ser tratado nos chegou como um soco no estômago que ainda nos faz contorcer toda vez que recorremos ao texto da publicação,² retirado de uma rede social, o qual nos serve como ponto de partida para esta reflexão que objetiva mostrar como a biopolítica se constitui num instrumento teórico fundamental para compreender fenômenos sociais chocantes, paradoxais e aparentemente inexplicáveis que permeiam o cotidiano da sociedade atual.

As tentativas de suicídio, autoextermínio ou aniquilamento da própria vida nos revelam uma outra face mediante a ótica da biopolítica. Além daquela que está às claras, que é o suicídio como ápice da angústia do humano ao tirar sua vida. Essa outra face, na contemporaneidade, nos escancara o que até então jazia na penumbra: a perversidade inumana de escarnecer do sofrimento extremo do outro, porque se (o) considera alheio.

Se o presente não é aquilo, ou só aquilo, que até agora tínhamos suposto; se as suas fileiras começam a unir-se em torno de um diferente epicentro semântico; se, no seu interior, emerge qualquer coisa de inédito, ou então de antigo, que contesta a sua imagem convencional – pois bem, isto quer dizer que também o passado, de onde em qualquer caso isso deriva, já não é necessariamente o mesmo. Que pode revelar um rosto, um aspecto, um perfil antes na sombra ou porventura escondido por uma narrativa sobreposta, e às vezes imposta –, não necessariamente falso em todos os seus trechos, até funcional para a sua lógica dominante, mas talvez justamente por isso parcial, se não também de parte (ESPOSITO, 2010, p. 45).

Se, na época do poder soberano, até por volta do século XVIII, o suicídio era considerado um atentado à ordem regente, isto é, um crime de lesa-majestade — já que tudo e todos pertenciam ao monarca —, em nosso tempo, o suicídio de determinadas parcelas da população, se apresenta como um fenômeno que, em nível ainda inconsciente, parece conceder um favor à sociedade. Conjecturamos essa perniciososa hipótese para exemplificar o que é e de que trata a biopolítica, ao mesmo tempo que a

² Esclarecemos ao leitor que optamos por inserir a publicação em figuras para manter sua originalidade, as mesmas seguem na seção *Paradoxo biopolítico – Cuidado com a vida para (não) garantir a morte*, desse trabalho. A publicação também pode ser consultada no formato de matéria em https://www.cartacapital.com.br/sociedade/a-ponte-dos-horrores?fbclid=IwAR1l6N0bteqHldlIQJRLtrWyxwFhYN7ADA8OH0Zcsls_x8JQi-eJryFIzR78.

utilizamos — a biopolítica — como chave de leitura para compreender o fato grotesco apresentado na publicação da rede social, a qual será reproduzida mais adiante. Recorremos igualmente ao arcabouço teórico da Psicologia Analítica que nos é tão cara, e que, nesse caso, serve de uma espécie de “fechadura” sobre a qual faremos girar essa “chave” no texto.

1. Um passeio pela Psicologia Analítica

Interessa-nos, num primeiro momento, uma breve análise da relação entre o inconsciente e a consciência, o modo como essas instâncias se apresentam uma à outra e se configuram na psique humana. Adentramos essa tarefa esclarecendo nossa compreensão de inconsciente que, como qualquer reflexão que se predispõe a tratar dessa esfera psíquica, perpassa o âmbito pessoal circunscrito por Freud (1996) com a Psicanálise, para seguir adiante no que Jung denominou inconsciente coletivo na Psicologia Analítica.

Temos que distinguir o inconsciente *pessoal* do inconsciente *impessoal* ou *suprapessoal*. Chamamos este último de inconsciente *coletivo*, porque é desligado do inconsciente pessoal e por ser totalmente universal; e também porque seus conteúdos podem ser encontrados em toda parte, o que obviamente não é o caso dos conteúdos pessoais (JUNG, 2014a, p. 77, §103; grifos do autor).

Com isso em vista, é oportuno lembrar a dedicação de Freud e Jung ao longo de seus trabalhos para o reconhecimento e valorização do inconsciente enquanto parte integrante da psique de relevância imprescindível, assim como a consciência, para a saúde mental, física e psicológica dos indivíduos e da sociedade.

No decorrer da história da humanidade, ao menos da civilização ocidental, a razão, o pensamento lógico e intelectual veio cada vez mais se colocando como forma unicamente viável, confiável e moralmente aceita para a convivência dos seres humanos. Segregando, deste modo, outra expressão natural da psique que se dá ao nível de uma linguagem imagética, simbólica e instintual.

Ao olharmos para o inconsciente em sua formação coletiva, diferenciamos-lo da lente psicanalítica tanto genealógica quanto ontologicamente. Dessa manifestação autônoma e plural da psique é de onde deriva a vida consciente. “Nossa consciência desenvolveu-se tanto histórica como individualmente a partir da escuridão ou estado crepuscular da inconsciência originária” (*Id.*, 2014b, p. 280, §500).

O inconsciente foi relegado durante muito tempo pela Ciência Médica e também pela própria Psicologia. Mesmo com o advento da Psicanálise, os conteúdos da psique

que não podiam compor o nível da consciência eram designados para um repositório maculado, alheio ao indivíduo. Ao comentar o sonho 22 em *Psicologia e alquimia*, Jung relata:

O inconsciente é sempre o cisco no leite: o defeito temerosamente escondido da perfeição, o desmentido doloroso de todas as pretensões idealistas, os resquícios da terra que não se desapegam da natureza humana, turvando-lhe tristemente a aparência cristalina tão almejada (JUNG, 2012, p. 172, §207).

Ainda que essa instância psicológica possua em si mesma o paradoxo prospectivo e retrospectivo, quando relacionada à consciência, que se caracteriza por uma predominância racionalista e conservadora, a função instintiva do inconsciente impera e é vista como desordenadora daquilo que acreditávamos estar em consonância na vida psíquica vígil. “Nossa consciência tem — graças à sua juventude e vulnerabilidade — uma tendência compreensível de menosprezar o inconsciente, tal como um jovem que não deve sucumbir à majestade de seus pais, se quiser empreender algo por sua própria conta” (*Id.*, 2014b, pp. 279-280, §500).

Desse modo, foi, e podemos dizer que ainda o é e será por um longo tempo adiante, reservado ao inconsciente um espaço duvidoso, tomado pelos afetos e emoções que são entendidos como complicadores da vida supostamente correta, sistemática e conhecida em sua forma consciente. O que é tomado como ordem natural da psique é a consciência, que tem seu lugar garantido e legitimado na formação do indivíduo e na determinação do seu comportamento social. Cabe ao inconsciente a luta, o desbravamento, a busca para sair da penumbra que lhe é designada e mostrar sua validade tanto quanto a consciência. Para essa, a legitimidade está dada. Àquele, ela ainda precisa ser conquistada.

Nesse sentido, entendemos que o inconsciente ao se “conectar” com a consciência que não o leva em consideração, ignorando sua faceta reguladora para uma psique saudável, assume um aspecto aterrador, capaz de gerar consequências desastrosas tanto em nível individual quanto coletivo. As palavras de Jung sobre essa negligência são as que se seguem:

Nossa vida civilizada exige uma atividade concentrada e dirigida da consciência, acarretando, deste modo, o risco de um considerável distanciamento do inconsciente. Quanto mais capazes formos de nos afastar do inconsciente por um funcionamento dirigido, tanto maior é a possibilidade de surgir uma forte contraposição, a qual, quando irrompe, pode ter consequências desagradáveis (JUNG, 2013a, p. 18, §139).

Não estamos fazendo uma apologia do inconsciente, assim como não o fez Jung. Ao longo de seu trabalho, o psiquiatra suíço se dedicou de maneira contundente, científica e com uma atitude profundamente respeitosa ao estudo, entendimento e tradução da psique humana em sua integralidade.

Transpassado esse primeiro momento, outros dois conceitos imprescindíveis para a Psicologia Analítica, a saber, arquétipo e sombra, interessam-nos para compor o escopo que nos propomos a empreender aqui. Jung, recordando a teoria platônica sobre as formas ideais, desenvolveu o conceito de arquétipo para explicar as estruturas psíquicas que configuram a experiência humana.

Assim como os instintos, os arquétipos são uma expressão do inconsciente coletivo. Constituem-se como imagens primordiais da psique, conforme Jung os chamou inicialmente, que serão coloridas pela vivência subjetiva do indivíduo. Portanto, os arquétipos dão um contorno comum à multiplicidade da vida privada e pessoal. “Da mesma maneira como os instintos impelem o homem a adotar uma forma de existência especificamente humana, assim também os arquétipos forçam a percepção e a intuição a assumirem determinados padrões especificamente humanos” (*Ibid.*, p. 77, §270).

Diante disso, podemos entender que os arquétipos se manifestam enquanto categorias universais da vida psíquica dos homens, não correspondendo a eles os aspectos formais de tempo e espaço. O que preenche sua forma e pode nos dar um vislumbre de sua atuação são as imagens ou representações arquetípicas, os mitologemas de uma determinada época, lugar, cultura, povo ou indivíduo.

É preciso dar-nos sempre conta de que aquilo que entendemos por “arquétipos” é, em si, irrepresentável, mas produz efeitos que tornam possíveis certas visualizações, isto é, as representações arquetípicas. Encontramos situação semelhante a esta na Física, onde as partes mínimas são em si irrepresentáveis, mas produzem efeitos cuja natureza é possível deduzir um certo modelo. A representação arquetípica, o chamado tema ou mitologema, é uma construção deste gênero (*Ibid.*, p. 164, §417).

Para exemplificar um arquétipo, passemos para o que a Psicologia Junguiana denomina por sombra. Em sua forma, ela representa tudo aquilo que rejeitamos em nós mesmos, no outro e socialmente, podendo tratar-se, por conseguinte, tanto de uma dimensão individual quanto coletiva. Como qualquer outro arquétipo, o potencial de seu conteúdo pode ser tanto de caráter positivo como negativo. O que acontece é que a manifestação de sua tonalidade negativa se sobressai qualitativa e quantitativamente, isso porque o homem (indiferenciado, coletivo) possui um apelo estético desconectado

de um senso ético. “O ‘homem sem sombra’, com efeito, é o tipo humano estatisticamente mais comum, alguém que acredita ser apenas aquilo que gostaria de saber a respeito de si mesmo” (*Ibid.*, p. 157, §409).

Em sua atuação individual, o arquétipo da sombra faz com que o sujeito projete no objeto externo tudo aquilo que carrega em seu íntimo e ainda não tem condição de suportar, seja esse objeto da ordem das coisas, seja da ordem de outros sujeitos. O indivíduo o faz de forma inconsciente porque não consegue sustentar o outro que habita seu próprio ser, porque ainda está preso em sua perspectiva unilateral dos fenômenos da vida e de si mesmo, porque não logra manejar a pluralidade que, todavia, assombra-o psiquicamente.

O encontro consigo mesmo significa, antes de mais nada, o encontro com a própria sombra. A sombra é, no entanto, um desfiladeiro, um portal estreito cuja dolorosa exiguidade não poupa quem quer que desça ao poço profundo. Mas, para sabermos quem somos, temos de nos conhecer a nós mesmos, porque o que se segue à morte é de uma amplitude ilimitada, cheia de incertezas inauditas, aparentemente sem dentro nem fora, sem em cima, nem embaixo, sem um aqui ou um lá, sem meu nem teu, sem bem, nem mal. É o mundo da água, onde todo vivente flutua em suspenso, onde começa o reino do “simpático” da alma de todo ser vivo, onde sou inseparavelmente isto e aquilo, onde vivencio o outro em mim, e o outro que não sou, me vivencia (JUNG, 2014b, p. 30, §45).

Com isso, podemos imaginar e temos “retratos” na história da humanidade do efeito de tal inapropriação da sombra em escala coletiva.

Ao mencionar o termo apropriação (em sua negação) ganhamos ensejo para, a partir daqui, continuar nosso caminho fazendo uma passagem pela teoria da forma política que, empírica e semanticamente, parece se apropriar da vida.

2. Biopolítica: um breve percurso conceitual

A biopolítica se materializa em face do biopoder. Em nosso entendimento, ela apresenta-se ao *zoé* (vida nua), enquanto *bios* (vida qualificada), através da *techne* (tecnicidade, tecnologia). Portanto, os três termos gregos cabem ao se tratar da biopolítica, ou seja, do governo político da/sobre a vida — e da/sobre a morte —, de acordo com o que nos aponta Roberto Esposito em seu livro *Bíos: biopolítica e filosofia* (2010). Na mesma obra, o filósofo italiano faz um excelente traçado histórico da biopolítica “caracterizado respectivamente por uma abordagem de tipo organicista, antropológico e naturalístico” (*Ibid.*, p. 34). Tal histórico é relevante para se ter uma ideia estrutural da biopolítica, por isso o mencionamos aqui, embora o que nos interesse

seja a perspectiva e a elaboração foucaultiana acerca da atuação e funcionamento do poder na sociedade moderna e ocidental.

A eminência do trabalho de Foucault a respeito da biopolítica reside na contundência com a qual ele discorreu sobre a alteração das manifestações do poder na história da humanidade. A política atual, mediante seu interesse pelo controle do corpo, da sexualidade, dos indivíduos e da espécie, constitui-se numa política da/sobre a própria vida.

[...] a existência em questão já não é aquela — jurídica — da soberania, é outra — biológica — de uma população. Se o genocídio é, de fato, o sonho dos poderes modernos, não é por uma volta, atualmente, ao velho direito de matar; mas é porque o poder se situa e exerce ao nível da vida, da espécie, da raça e dos fenômenos maciços de população (FOUCAULT, 1988, p. 128).

Castelo Branco (2015, p. 74) levanta o conceito de governamentalidade, utilizado pelo filósofo francês, “como tecnologia do poder” apresentando sua essencial função, que “é a gestão e administração da população, a regulação das atividades econômicas, assim como a articulação e o planejamento estratégico da vida socioeconômica”.

Isto posto, compreendemos que a atuação do poder a partir do século XVIII está muito mais relacionada com os mecanismos e funcionalidades sobre os quais ele é exercido do que propriamente com sua legitimidade, segundo o enfoque foucaultiano. Por isso é possível se falar em micropoderes, engendrados na teia cotidiana das relações entre os próprios sujeitos.

O poder não é concebido como uma essência com uma identidade única, nem é um bem que uns possuem em detrimento dos outros. O poder é sempre plural e relacional e se exerce em práticas heterogêneas e sujeitas a transformações; isto significa que o poder se dá em um conjunto de práticas sociais constituídas historicamente, que atuam por meio de dispositivos estratégicos que alcançam a todos e dos quais ninguém pode escapar, pois não se encontra uma região da vida social que esteja isenta de seus mecanismos (DUARTE, 2008, p. 47).

Em contraponto, na pólis grega, por exemplo, ou na sociedade europeia até por volta do século XVIII, não havia a concepção de indivíduo. Tão somente as pessoas viviam congênicas ao Estado. Bastava a vontade do soberano ser plenamente cumprida — estando essa premissa garantida, os cidadãos seguiam suas atividades adjacentes sem que isso dissesse respeito ao poder regente.

No sentido em que, enquanto durante muito tempo a relação entre política e vida se coloca de forma indireta, mediada por uma série de categorias capazes de a filtrar,

ou de a liquefazer, como uma espécie de câmara de compensação, a partir de uma certa fase aquelas barreiras desfazem-se e a vida irrompe diretamente nos mecanismos e dispositivos do governo dos homens (ESPOSITO, 2010, p. 50).

Sendo assim, na sociedade moderna não mais basta aceder à ordem vigente. O indivíduo, responsável por si mesmo, deve responder e submeter cada um de seus atos e comportamentos perante a sociedade. Na biopolítica, o funcionamento do poder se concentra em cercear e vigiar a vida das pessoas, a estabelecer um padrão de normatização capaz de excluir e eliminar sorrateiramente àqueles que não se fazem enquadrar. A seguinte indagação de Foucault sustenta a problemática biopolítica: “De que modo um poder viria a exercer suas mais altas prerrogativas e causar a morte se o seu papel mais importante é o de garantir, sustentar, reforçar, multiplicar a vida e pô-la em ordem?” (FOUCAULT, 1988, p. 129).

Neste ponto, tocamos a marca da biopolítica que diz respeito à contradição impregnada em seu âmago, sobre a qual Esposito discorreu de forma brilhante propondo-a como “o enigma da biopolítica” no livro supracitado. Esse enigma perpassa ao menos três importantes eixos interligados entre si. Vai desde a terminologia da palavra, “de pouco serve [...] a referência à figura clássica do *bios politikós*, a partir do momento que a semântica em questão parece tirar o seu sentido precisamente do seu retraimento” (ESPOSITO, 2010, pp. 30-31; grifos do autor). Por isso, o filósofo questiona se não estariam desde sempre implicados, além de *bios*, também *zoé* e *techne* no *modus operandi* da política contemporânea.

O segundo eixo figura sobre a ambiguidade do significado da biopolítica. Trata-se de um governo político *da* vida ou *sobre a* vida? “Ou a biopolítica produz subjetividade ou produz morte. Ou torna sujeito o seu objeto ou objetiviza definitivamente” (*Ibid.*, p. 55). Daí Esposito fazer menção a Foucault, que mantém esse aspecto dual do que se entende por biopolítica, de forma a mostrar a magnitude de seus estudos, que se caracterizam justamente por problematizar as diversas faces do mesmo fenômeno.

O último elemento surge exatamente de uma extensão aplicada à questão anterior: “como pode a biopolítica, que tem como função e meta proteger a vida e promover a subjetividade, também instigar e produzir a morte, a dessubjetivação?” (NALLI, 2016, p. 199). Com isso, percebemos o entrecruzamento dos eixos que compõem o enigma da biopolítica e porque Esposito (2010, p. 31) sugere que é menos

complexo definir o conceito da biopolítica pela negação ou por exclusões: “O que fica claro é a sua determinação negativa — ou seja, o que ele *não* é. [...] Trata-se daquele complexo de mediações, oposições, dialéticas, que durante uma longa fase tornaram possível a ordem política moderna” (grifo do autor).

Caminhamos, nessa altura, para a exemplificação da biopolítica no caso que elegemos para este trabalho. Como será visto adiante, nossa intenção é tomar o relato da rede social como objeto para um estudo de caso com vistas a mostrar como a biopolítica, investida de sua forma pelo biopoder, carrega discursos e significados que fazem repetir velhos padrões, de segregação e de controle social, sob uma nova roupagem.

3. Paradoxo biopolítico – cuidado com a vida para (não) garantir a morte

Apresentamos e convidamos desde logo nosso leitor a acompanhar o relato que segue nas figuras abaixo.

Figura 1.



Seguir · 13 de setembro · 🌐

Eu , o App e a tentativa de suicídio.

O App toca pela 8 vez naquele dia. Aparentemente e só mais uma segunda feira e la vou eu buscar a Camila.

Camila e uma daquelas passageiras que da gosto conversar. Jovem, cheia de amor pelo seu namorado e esbanjando vida. Mal sabia ela que caminhávamos em direção a morte , senao a morte da vida, a morte da empatia.

Saímos do nosso endereço inicial e em 3 minutos ja estávamos na terceira ponte (principal ponte de ligação entre vila velha/ Vitória), andamos por volta de 1km e encontramos uma interdição.

Depois de uns 3 minutos parado, peço licença a Camila para sair do carro e verificar o que houve.

Logo a minha frente vejo um jovem senhor , pendurado na ponte tentando suicídio. Apenas 10 carros a minha frente. Uns 200 metros me separam daquele homem, além de uma viatura da pm e umas 20 pessoas fora dos carros.

Fonte: www.facebook.com.br

Figura 2.



A sensação e de desespero, medo e algumas outras indescritíveis ao ver a cena. Ainda meio chocado com tudo, vejo chegando os bombeiros que de maneira eficiente isolam o local e iniciam a "negociação" com o homem.

São exatamente 15:30h e a fila de carros e pessoas começam a aumentar e a cena que ja era lamentável se torna desumana, quase indescritível.

Após uns 40 minutos de espera, as pessoas ja começam a fazer amizades, as lives, postagens e piadas começam ja tomar conta do ambiente.

E estranho, um homem tenta tirar a vida e em volta uma social esta montada.

Não ha silêncio, empatia ou preces. Ouço buzina. Sim, alguém buzina em protesto pela demora e logo e contido.

Contudo, sociólogos e psicólogos, poderao discorrer sobre. A buzina foi a senha, a força motriz, a faísca que faltavam para o caos começar.

O que vem a seguir e so um resumo, apenas partes de um show de horrores que vivi por mais de 5 horas, visto a ponte ter sido interditada.

Fonte: www.facebook.com.br

Figura 3.



Após a buzina, a primeira piada direcionada ao suicida foi feita:

"Pula, vai que boi tenha asas...", o piadista desalmado encontrou platéia e começou a destilar ódio.

Ha um dito bíblico que um abismo, chama outro abismo. Aquele homem a beira do precipício ouvia gritos abismados de cadáveres humanos:

- "se quiser eu te empurro"
- "pula daí, macaco"
- "ah, se eu tivesse uma arma, eu mandava um tiro daqui mesmo"
- "dor de como"
- isso e falta de sexo"
- "chama o Bolsonaro" (fazendo sinal de arma em direção ao homem"
- se mata, mas nao ferra minha vida "

Tudo isso, não foi dito na surdina ou baixinho. Tudo foi gritado em alto e bom som, sendo eventualmente um ou outro advertido pela polícia.

Eu fui andando pela ponte, queria ouvir as fala, ver as reações, nao acreditava no que via.

Andando um senhor me fala: "fortão, vai la e empurra ele logo, porra"

Fonte: www.facebook.com.br

Figura 4.



Passei direto e fui para uma das várias rodinhas feitas. Eram dezenas delas afinal não tinha nada a ser feito a não ser esperar, estávamos presos ali.

Ah, a Camila preferiu ficar dentro do carro a maior parte do tempo, ela disse não ter estrutura para as falas alheias.

Numa rodinha o assunto era política, na outra futebol, na terceira o dono da BMW diz: " gente, tá na cara que é um morador de rua, dá um tiro no pé dele se ele cair para frente tá salvo, para trás, morreu, menos um bandido no mundo".

O jovem senhor, por ser negro e aparentemente mal arrumado já tinha sido sentenciado.

Não vou me estender aos comentários que ouvi, foram dezenas de aberrações, juro que algumas sequer tenho coragem de contar aqui.

Uma me acalmou. Passaram 2 cobradores e disseram: " bora furar o cerco e empurrar ele? ", falaram se dirigindo a outro senhor que respondeu:

"Não, eu prefero orar ". Minha esperança se renovou. Não pelo âmbito da fé propriamente, mas pela empatia da afirmação.

As horas foram passando as 20h, já tínhamos um circo de horror montado.

Fonte: www.facebook.com.br

Figura 5.



Um homem preso por furar o cerco, Polícia tendo que lançar bomba de gás para conter a multidão e dezenas de pessoas em coro batendo na lataria do ônibus e gritando:

"Pula, pula, pula ". Indescritível!

E lá estavam incansavelmente os bombeiros, conversando com o homem. Era visível o amor e a dedicação no ato deles.

Até que o mais espantoso aconteceu.

Moradores próximos soltavam fogos na direção do homem pendurado.

Sim? Foi isso que você acabou de ler.

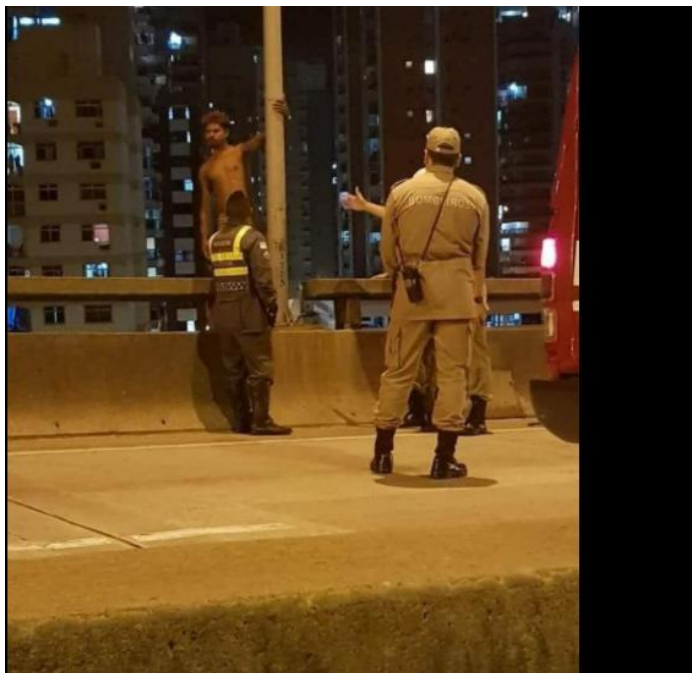
Mas não acabou, da sacada dos prédios luxuosos da Praia da Costa, bairro nobre de Vila Velha, vinha uma luz, estilo sinalizador de grande porte em direção ao homem. Numa tentativa de cega-lo ou transformar o circo de horror em show.

Chega ser difícil descrever.

Os xingamentos ao homem eram incessante, inclusive, por pessoas que usavam "fitinhas amarelas" nas roupas, celebrando o dia mundial de prevenção ao suicídio.

Fonte: www.facebook.com.br

Figura 6.



Sim meus amigos, ontem dia do ocorrido foi o dia mundial de prevenção ao suicídio.

Mas aquilo não era uma encenação, uma chamada de tv ou um comercial sobre o assunto . Era a vida nua , crua e sem alma.

Me aproximo da bombeira Lauff, ela esta sozinha vestindo acessórios como se fosse escalar e pergunto o que ela.ira fazer.

- " vou fazer de tudo, ali esta uma vida. Sei que vcs ja estão cansados de esperar na ponte, mas nao vou desistir. É uma vida..."

Crente que sou, me lembrei de Jesus falando das 99 ovelhas , e de não desistir de nenhuma sequer.

Eram 20:20h, decidi entrar no carro com as palavras da bombeira, nao queria me contaminar com mais nada negativo.

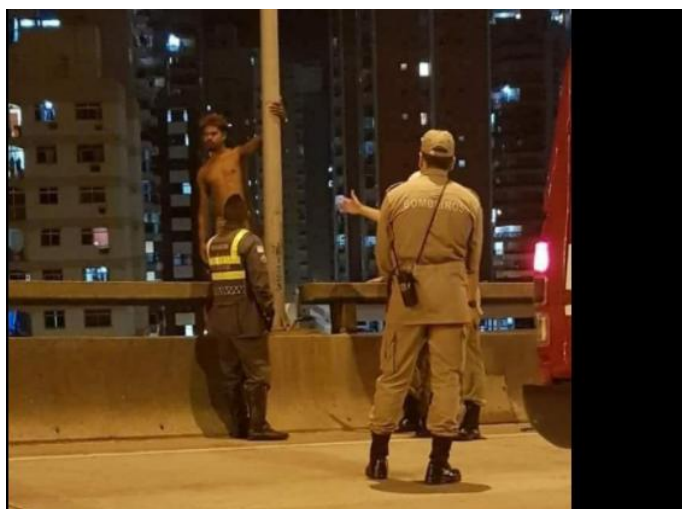
20:40, os carros que estao na ponte sao autorizados a descer.

20:55, deixo Camila em casa.

21:30h, chego em casa. 23:20h , o senhor e tirado com vida da ponte.

Fonte: www.facebook.com.br

Figura 7.



Termino este relato secamente, quase em silêncio , com o célebre minuto de silêncio , pois aquele senhor viveu, mas a humanidade morreu um pouco ali no alto daquela ponte, tudo isso no dia mundial de prevenção ao suicídio.

Relato de um motorista de aplicativo. Vitória ES
10/09/2018

Henrique Romero
Pastor, estudante de ciências sociais e motorista de APP.

132 r

11 mil comentários

84 mil compartilhamentos

Triste Comentar Compartilhar

Fonte: www.facebook.com.br

Esse é um exemplo escancarado e gritante da manifestação da política nos tempos hodiernos. Sua forma é a biopolítica, conforme podemos entender através da tese foucaultiana expressa em nosso breve percurso conceitual. Essa é a vida nua, o *homo sacer*, que acredita-se estar autorizado a matar, ou melhor, a deixar morrer; a vida que não merece ser vivida, como se refere o filósofo italiano Agamben (2002). Por isso, a política já não toca mais (da mesma forma) a sociedade moderna em comparação aos séculos anteriores, pois vida e política estão impregnadas uma pela outra.

Ainda na mesma obra, Agamben (2002, p. 143) menciona o escrito de um especialista de direito penal:

Para explicar a impunibilidade do suicídio, Binding é induzido a concebê-lo como expressão de uma soberania do homem vivente sobre a própria existência. Visto que o suicídio — ele argumenta — não se deixa compreender nem como um delito (por exemplo, como uma violação de uma obrigação qualquer em relação a si mesmo) e visto que, por outro lado, não pode nem ao menos ser considerado como um ato juridicamente indiferente, “não resta ao direito outra possibilidade senão a de considerar o homem vivente como soberano sobre a própria existência (*als Souverän über sein Dasein*)” (BINDING, 1920, p. 14).

Nessa conjuntura, questionamos de qual soberania trata Binding ao fazer essa afirmação. O fato de ele considerar o suicida como soberano sobre sua existência não seria indicativo de uma limitação do âmbito legal, da esfera jurídica ou de poder do direito em lidar com a questão do suicídio? “A velha potência da morte em que se simbolizava o poder soberano é agora, cuidadosamente, recoberta pela administração dos corpos e pela gestão calculista da vida” (FOUCAULT, 1988, p. 130). Considerando-se que há nuances tão variáveis nas causas e no decorrer do ato suicida, parece-nos muito mais plausível afirmar, à luz da biopolítica, que, frequentemente, o que ocorre é a subjetivação do indivíduo perante si e a sociedade de que sua vida não é digna de ser vivida.

É como se toda valorização e toda "politização" da vida (como está implícita, no fundo, na soberania do indivíduo sobre a sua própria existência) implicasse necessariamente uma nova decisão sobre o limiar além do qual a vida cessa de ser politicamente relevante, e então somente "vida sacra" e, como tal, pode ser impunemente eliminada (AGAMBEN, 2002, p. 146).

Propomos ao leitor que nos acompanhe no seguinte exercício elucidativo: retomemos o relato da publicação que nos serve de exemplo, imaginemos que no lugar do *jovem senhor, negro, aparentemente mal arrumado, que tá na cara que é um morador de rua*, estivesse um homem, branco, terno e gravata e, complementando o quadro, com seu carro importado parado na encosta da ponte. O restante do relato parece a ele aplicável? Para nós a inaplicabilidade já esbarra no próprio contrassenso social desse homem tentar suicídio.

A ordem presente aqui é a do discurso, portanto histórica, e não diz respeito ao campo exclusivo do indivíduo. “É a história que desenha estes complexos [as variações genéticas das quais resultam as várias populações] antes de cancelá-las; não se deve andar à procura de fatos biológicos brutos e definitivos que, do fundo da ‘natureza’, se imporiam à história” (FOUCAULT, 1974, p. 97 *apud* ESPOSITO, 2010, p. 53).

Portanto, a política caracterizada enquanto *bios* serve, sobretudo, ao sistema econômico, que é fomentado pela vida em seu caráter quantitativo, determinado essencialmente pelo que cada vida pode produzir e consumir. Grupos que foram e ainda são considerados destoantes de (por) uma normatividade social e historicamente construída são deixados à margem da esfera estatal e da própria espacialidade que lhes é conferida.

Este bio-poder, sem a menor dúvida, foi elemento indispensável ao desenvolvimento do capitalismo, que só pôde ser garantido à custa da inserção controlada dos corpos no aparelho de produção e por meio de um ajustamento dos fenômenos de população aos processos econômicos (FOUCAULT, 1988, p. 131).

Através do aparato biopolítico tem-se, assim, vidas que estão resguardadas, protegidas, enquanto outras são entregues ao abandono e à morte. Com isso, ainda faz sentido aplicar o conceito de soberania na atuação biopolítica, cujas regras, antes ditadas pelo monarca, agora são regidas no “jogo da vida” pelo Mercado, o novo soberano. “Para a sociedade capitalista o bio-político é o que é importante antes de mais nada, o biológico, o somático, o corpóreo” (FOUCAULT, 1974 *apud* ESPOSITO, 2010, p. 49). É o corpo discursivamente apto para produzir e reproduzir, o corpo sobre o qual não se pode abater nenhuma moléstia, por isso, o corpo controlado, regulado e homogeneizado. “Já não se trata de pôr a morte em ação no campo da soberania, mas de distribuir os vivos em um domínio de valor e utilidade” (FOUCAULT, 1988, p. 134).

Diante desse panorama pode-se, portanto, afirmar que a configuração biopolítica caracteriza-se, antes e acima de tudo, pela eugenia e racismo, marcas dos estados de exceção, dos quais temos como maior referência histórica o governo biopolítico nazista.

A partir daqui, sob nosso ponto de vista, a Psicologia Analítica dialoga com a teoria biopolítica para analisar o efeito de massa presente no episódio relatado na publicação; efeito esse que nos parece ser um requisito para os governos de exceção, para a *práxis* biopolítica, tendo em vista que, nesses regimes, a inclusão se dá justamente pela exclusão. A biopolítica incide sobre a espécie, sobre a população, sobre o coletivo. Sendo assim, o fenômeno da massificação, como um de seus pressupostos, pode ocorrer por duas vias, tanto com os “incluídos” quanto os excluídos.

Isto porque,

A política, na execução da tarefa metafísica que a levou a assumir sempre mais a forma de uma biopolítica, não conseguiu construir a articulação entre *zoé* e *bios*, entre voz e linguagem, que deveria recompor a fratura. A vida nua continua presa a ela sob a forma da exceção, isto é, de alguma coisa que é incluída somente através de uma exclusão (AGAMBEN, 2002, p. 18).

O que Jung nos ajuda a entender aqui é que todo fenômeno constitui-se por um par de opostos, enquanto houver necessidade de soberania, seja ela exercida por um monarca, pelo Estado ou pela Economia, aí residirá também a vida nua, o *homo sacer*. “O vago pressentimento da terrível lei que rege a cega contingência, chamada por Heráclito a lei da enantiodromia, isto é, a contracorrente, congela de tal forma o plano mais profundo da consciência moderna” (JUNG, 2013b, p. 92, §164).

Por um viés psicológico, podemos dizer que

O homem moderno perdeu todas as certezas metafísicas da Idade Média, trocando-as pelo ideal da segurança material, do bem-estar geral e do humanitarismo. [...] Também esta segurança foi por água abaixo, pois o homem moderno começa a perceber que todo passo em direção ao progresso material parece significar uma ameaça cada vez maior de uma catástrofe ainda pior (*Ibid.*, p. 91, §163).

Nesse patamar, ao trazer à tona duas sentenças da publicação em questão, da rede social — *Aquele homem a beira do precipício ouvia gritos abismados de cadáveres humanos; Os xingamentos ao homem eram incessante, inclusive, por pessoas que usavam "fitinhas amarelas" nas roupas, celebrando o dia mundial de prevenção ao suicídio. Sim meus amigos, ontem dia do ocorrido foi o dia mundial de prevenção ao suicídio. Mas aquilo não era uma encenação, uma chamada de tv ou um comercial sobre o assunto. Era a vida nua, crua e sem alma* —, percebemos a dissociação — psicológica, social, cognitiva — que paira sobre os indivíduos, principalmente numa aglomeração cujo surgimento se deu de forma inteiramente não planejada e não controlada.

O homem se vê a si mesmo, por um lado, como uma essência relativamente sem importância e uma vítima de poderes incontroláveis mas, por outro, carrega dentro de si uma sombra perigosa que o torna um cúmplice invisível do sinistro exercício de poder do monstro político (JUNG, 2013c, p. 62, §576).

Considerando caminhos

À guisa de conclusão, pontuamos ao leitor que estamos cientes das dissidências nucleares existentes entre as teorias biopolíticas e a Psicologia Analítica. Por isso, recordamos que a tentativa de justapor tais formas de se olhar para o mundo, os homens e suas relações é fazer girar a chave biopolítica, “a verdade secreta da intuição foucaultiana de que, em face do biopoder, só nos resta lutar pela realização da vida em suas “virtualidades”, pela vida como “plenitude do possível”” (DUARTE, 2008, p. 54).

Muito embora essa chave tenha aqui girado sobre uma "fechadura" que não corresponde exatamente a ela, acreditamos não tê-la feito rodar em falso, mas, isto sim, entreaberto uma porta da qual esse trabalho representa ínfimo fôlego.

Tal como se apresenta o problema hoje, parece que não podemos esperar por uma solução próxima. Como sempre acontece, uns anseiam por uma volta resignada ao passado, enquanto outros, mais otimistas, almejam por uma mudança no modo de viver e na cosmovisão (JUNG, 2013b, p. 103, §190).

Enquanto isso, cabe a nós perceber que uma — biopolítica — e outra — Psicologia Analítica — tratam de caminhos para se entender a sociedade moderna, podendo dialogar sobre os pontos de incidência, visto ambas serem árvore e fruto do pensamento de raiz ocidental, e se complementarem nos pontos em que os galhos de uma alcançam melhores pairagens que a outra.

Referências

- AGAMBEN, G. (2002). *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I*. (Henrique Burido, Trad.). Belo Horizonte: Editora UFMG.
- CASTELO BRANCO, G. (2015). "Governamentalidade e excessos do poder". In: CASTELO BRANCO, G. *Michel Foucault: filosofia e biopolítica*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- DUARTE, A. (2008). "Biopolítica e resistência: O legado de Michel Foucault". In: RAGO, M.; VEIGA-NETO, A. (Orgs.). *Figuras de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica.
- ESPOSITO, R. (2010). *Bios: biopolítica e filosofia*. (M. Freitas da Costa, Trad.). Lisboa: Edições 70.
- FOUCAULT, M. (1988). *História da sexualidade I: A vontade de saber*. (Maria Thereza C. Albuquerque; J. A. Guilhon Albuquerque, Trad.). Rio de Janeiro: Edições Graal.
- FREUD, S. (1996). "A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos". In: FREUD, S. *Obras Completas* (Vol. XIV). (Jayme Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago.
- JUNG, C. G. (2012). "Psicologia e Alquimia". In: JUNG, C. G. *Obras Completas* (Vol. XII). (Dora Mariana R. F. da Silva, Trad.). Petrópolis: Vozes.
- JUNG, C. G. (2013a). "A natureza da psique". In: JUNG, C. G. *Obras Completas* (v. VIII/2). (Mateus Ramalho Rocha, Trad.). Petrópolis: Vozes.
- JUNG, C. G. (2013b). "Civilização em transição". In: JUNG, C. G. *Obras Completas* (Vol. X/3). (Lúcia M. Endlich Orth, Trad.). Petrópolis: Vozes.
- JUNG, C. G. (2013c). "Presente e futuro". In: JUNG, C. G. *Obras Completas* (Vol. X/1). (Márcia Sá Cavalcante, Trad.). Petrópolis: Vozes.

JUNG, C. G. (2014a). “Psicologia do Inconsciente”. In: JUNG, C. G. *Obras Completas* (Vol. VII/1). (Lúcia M. Endlich Orth, Trad.). Petrópolis: Vozes.

JUNG, C. G. (2014b). “Os arquétipos e o inconsciente coletivo”. In: JUNG, C. G. *Obras Completas* (Vol. IX /1). (Maria Luiza Appy; Dora Mariana R. F. da Silva, Trad.). Petrópolis: Vozes.

NALLI, M. (2016). “A biopolítica como biotécnica”. In: NALLI, M.; MANSANO, S. R. V. (Orgs.). *Michel Foucault: desdobramentos*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.